

VOCÊ É O QUE VOCÊ LÊ

Por Israel Belo de Azevedo

Uma pessoa vale que diz,

diz pelo pensa,

pensa pelo que lê.

A cada novo artefato da indústria da informática, pergunta-se se o livro ainda tem futuro. Até o romancista Gabriel Garcia Márquez, um dos mais importantes escritores da literatura mundial, parece ter entregue os pontos. Ele acha que o livro, por aquilo de primitivo que contém, desaparecerá.

Provavelmente alguns tipos de livros desaparecerão. Possivelmente, as enciclopédias não resistirão ao tempo no formato de papel, ocupando várias estantes. O mesmo destino poderá valer também para os livros voltados para transmitir conhecimentos (especialmente os didáticos).

Talvez o futuro dos livros que convidam à imaginação (poesia e ficção) e à reflexão (no caso dos ensaios) esteja garantido. E a razão é aquela inversa à preocupação de Garcia Márquez: o seu caráter primitivo.

Por isto: cabe repetir: o livro é insubstituível como instrumento civilização por excelência. Não é demais repetir que mesmo uma enciclopédia armazenada sob a forma de um CD-ROM ou acessível por meio de uma consulta <II>on-line<FI>, ainda é uma

enciclopédia. No seu caso, as vantagens sobre o livro-papel são evidentes para consultas mais longas, mas não para aquelas passageiras.

Quanto ao livro em geral, um material guardado num disquete ou num disco rígido pode parecer mais fascinante. Não há dúvida que o é, mas também não há dúvida que consultar um livro é muito mais prático, muito mais prazeroso, muito mais acessível.

Sua portabilidade permite sua leitura num trem ou num ônibus. Nem o mais minúsculo palmtop permite esta maravilha. Nada substitui também aquele prazer de virar uma página após outra. Sem cansar as vistas. Sem cansar os dedos. Ler é recomendado para a hora do trabalho sério e para o tempo da mais profunda preguiça.

O leitor é senhor absoluto. Ele dita o ritmo, o lugar e a posição da leitura, sem qualquer limite. Diante da máquina, o leitor perde este senhorio, para ter que se integrar a ela.

Assim, portanto, é o livro, o bom e velho livro, que formará as nossas consciências por muito tempo. Seu fim já foi predito quando do advento da televisão. De certo modo, o que ocorreu é que a caixinha luminosa acabou dividindo os homens (como temia Huxley, no seu "Admirável mundo novo") em duas categorias: entre os que pensam e os que consomem. Consumem os que se contentam com a informação leve e cheia de cores dos meios eletrônicos (incluído aí o computador). Pensam os que lêem, que acabam sendo aqueles que produzem para os outros consumirem.

Então, se ler é uma prática que você considera importante, mesmo que tenha dificuldade em torna um hábito em sua vida, eis alguns toques para ajuda.

PREFERÊNCIAS NACIONAIS

O Instituto Vox Populi fez uma pesquisa nacional (1996) sobre os hábitos de leitura dos brasileiros. Uma das perguntas foi sobre o lazer.

Segundo os dados coletados, a verdadeira preferência nacional é ver televisão (43%), seguida de conversar com amigos num bar (29%) e praticar esportes (12%). Ler livros ficou em terceiro lugar (7%), mas à frente de ir ao cinema (3%). O levantamento foi realizado em 253 cidades brasileiras, tendo sido ouvidas 3.152 pessoas.

Qual é a sua preferência?

Sim, para não ler, temos alguns motivos, embora tenhamos muitos mais para ler.

Por isso, a primeira decisão de quem acha que precisa melhorar nessa área é assumir que ler vale a pena e quem não lê tem dificuldades para pensar com profundidade e para dizer verdades dignas de serem ouvidas.

Diante do triunfo esmagador da televisão, cabe perguntar por que a caixinha luminosa tem essa preferência. Certamente, ela não vence por suas qualidades, mas pelas características da sociedade contemporânea. As pessoas ficam cada vez mais em casa, seja por razões de segurança, seja por ser mais barato do que sair, seja porque sobra pouco tempo mesmo.

Além disso, a televisão, especialmente a brasileira, tem conseguido fazer uma programação bem ao gosto do brasileiro, que reclama que não tem nada para ver, mas não desliga seu aparelho. Não se pode esquecer dois outros fatores: a popularização do videocassete, que permite um certo nível de escolhas de filmes, e a expansão da TV por assinatura, que amplia a utilidade do controle remoto.

Comparado à televisão, portanto, o livro está longe das massas populacionais. Segundo o Vox Populi, metade dos brasileiros nunca comprou um. A maioria dos que compraram

fez isto há mais de seis meses. Os autores preferidos são o romancista Jorge Amado (67%), popularizado pela televisão, o inclassificável (ficção, crônica, auto-ajuda?) Paulo Coelho (5%), com sua eficiente máquina de marketing pessoal, e o eterno Joaquim Maria Machado de Assis (3%), que (viva!) estão à frente de Sydney Sheldon (2%), o fabricante multinacional de <II>best-sellers.<FI> Lair Ribeiro só tem 1% das preferências, com o mesmo índice dos ficcionistas José de Alencar, Monteiro Lobato, Érico Veríssimo e dos poetas Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles e Vinícius de Moraes. Chico Xavier também recebeu 1%.

Os dados podem ser vistos com otimismo e com pessimismo, dependendo da perspectiva. Considerando o momento brasileiro, com uma educação numa crise sem fim, não parece de todo ruim o resultado para quem acredita na leitura como o verdadeiro instrumento civilizatório.

Ficar atrás da televisão (prática que põe ênfase na vivência familiar), do bar (prática que destaca a vocação brasileira para a fraternidade) e do esporte (prática que denota também uma preocupação com a saúde) é até bastante natural.

O grande problema é como capitalizar estes 7% de preferentes, que raramente dispõem de uma biblioteca pública ou comunitária, e fortalecer o hábito da leitura e da compra de livros. Esta é uma tarefa sobre a qual editores, livreiros e autores precisam se debruçar. Eles precisam contar com a escola, nesta formação, mas não podem esperar tudo dela, inclusive porque a escola é o território maior da cópia xerox...

A propósito, quem lê xerox (de capítulo de livro) não pode dizer que esteja realmente lendo, assim como quem vê uma parte do corpo humano não pode dizer que esteja vendo o corpo humano, mas apenas uma parte. Quem lê xerox não sabe o nome do autor do livro, nem a editora e, às vezes, nem mesmo o assunto. É a leitura do faz-de-

conta. É o falso tornado verdadeiro. Trata-se mesmo de um autêntico estelionato, com efeitos colaterais terríveis.

O LUGAR DO LIVRO

Tornou-se lugar comum dizer que as pessoas lêem pouco. Evidentemente, com a concorrência de tantos outros meios, especialmente os televisuais, o livro teria que perder alguns leitores.

No entanto, por mais que a eletrônica tenha avançado, ainda não se descobriu meio melhor para a formação pessoal em todos os níveis.

Que tal repensar o lugar que você está dando ao livro em sua vida.

Um bom procedimento é conferir o quanto você gastou com livros no ano passado em termos de tempo e de dinheiro. O resultado poderá assustar.

Quanto ao tempo, o que se gasta com a leitura de um livro, mesmo aquele mais leve, é um investimento que fica para a vida inteira. A leitura de um romance bem escrito, com o qual se pode gastar entre duas e dez horas, é divertida, instrutiva e formativa. O tempo gasto com um livro nunca é tempo perdido.

Quanto ao dinheiro, tornou-se também lugar comum dizer-se que o livro está caro. No entanto, comparar seu preço com alimentos, bebidas e outros divertimentos é suficiente para demonstrar que é um produto barato, sobretudo porque um livro dura a vida toda, a nossa, a dos nossos filhos e a dos nossos netos.

É preciso pensar no livro como instrumento de autoformação. A escola não substitui o livro; antes, ajuda a usá-lo melhor. O livro substitui a escola, especialmente para aqueles

que têm disciplina. Um curso feito sem boas leituras não vale absolutamente nada, embora possa legar um diploma.

Você e sua família terão muito a ganhar se o livro ocupar um lugar de importância no seu interior. Toda casa devia ter uma biblioteca, com os livros à mostra. Hoje, o centro da sala é ocupada por outros meios de comunicação, aos quais, por vezes, se presta até culto. Também por vezes, os livros são relegados ao limbo dos sótãos, armários e caixotes.

Bom seria que, além de futebol, novela e problemas pessoais, você também discutisse o enredo de um romance ou a argumentação de um pensador. A paixão seria a mesma.

Que prazer é ler um livro que nos faz viajar pelo novo, pelo diferente e pelo não-imaginado, o que acontece quando lemos um bom romance.

Que prazer é ler um livro que nos faz reconstruir o mundo, o que acontece quando lemos um bom ensaio.

PROGRAMA PARA AS PRÓXIMAS FÉRIAS

Geralmente, nossa idéia de férias está associada ao descanso e ao prazer do corpo, metas que julgamos alcançar viajando, indo à praia, acordando tarde, realizando, enfim, aquelas atividades que o lufa-lufa diário dos outros 335 dias do ano não permitiram. Para quem pode, o programa é ótimo. Infelizmente, há muitos que não podem fazer essas "estrepolias", seja por falta de recursos financeiros ou de uma boa saúde.

Para os que podem fazer aquelas coisas e para os que não podem, há um programa que todos podem: ler.

Se você já está se preparando para pôr o pé na estrada, não esqueça de colocar na bagagem (seja uma mochila única ou um conjunto de pesadas malas) alguns bons livros. Quantos? Cada um sabe do seu programa, mas separe um para cada semana de pernas para o ar é um bom planejamento.

Coloque na bagagem aquele livro, talvez um pouco grosso e que há muito tempo lhe contempla, pedinte, da estante. Não escolha livro que lembrem trabalho, mas aqueles que vão lhe ajudar a passar o tempo com inteligência, brilhe o sol lá fora ou ameacem as nuvens lá em cima.

Livro é companhia quando não se tem ninguém por perto.

Livro é passatempo quando o tempo está sobrando.

Livro é viagem mesmo quando não se pode sair do sofá da sala.

Livro é oportunidade de meditação quando se precisa redescobrir o eixo da vida.

Livro é instrumento de desintoxicação quando a mente está poluída ou estressada.

Livro é meio de civilização quando reina a barbárie.

Em todos e em qualquer caso, livro e férias têm tudo a ver com você.

Mesmo que, por algum motivo, você não possa ir em direção ao sol, no campo ou no mar. Se o dinheiro anda curtíssimo, é possível que haja uma biblioteca onde se possa tomar um livro por empréstimo. Se não, deve haver um amigo disposto a passar adiante o instrumento da sua alegria, no caso, um livro já lido. Se você lançar mão desse recurso, fica um indispensável e estratégico lembrete: devolva o objeto da alegria àquele que o cedeu.

SEJA UM LATIFUNDIÁRIO DE LIVROS

Se você faz orçamento mensal, reserve alguns trocados para enriquecer sua biblioteca. Você merece. Sua família, agora e no futuro, merece. Depois, se não o tem, forme o hábito de visitar livrarias. Se sua cidade não tem uma, quando for a uma que tenha, planeje passar ali algumas horas. Garanto: é melhor que ver vitrine de roupa ou eletrodoméstico. Aqueles não trazem nenhum benefício se são apenas olhados. Já, ao contrário, folhear um livro já é uma atividade enriquecedora por si só.

Com estas atitudes (reservar dinheiro para comprar livros e visitar bibliotecas periodicamente), logo o livro será uma prioridade em sua vida.

Há outra atitude: visitar a(s) biblioteca(s) pública(s) da sua cidade. Se sua cidade ainda não tem uma, está na hora de ter. Cobre das autoridades. Lidere um movimento em prol dessa necessidade básica de toda pessoa civilizada.

Se sua cidade já tem uma, veja como ela está em termos de quantidade, diversidade e atualidade. Livros quanto mais, melhor. Uma biblioteca pública deve ser universal, oferecendo todo tipo de livro (ficção, poesia, ensaios, didáticos, dicionários, enciclopédias), para que cumpra seu papel. Uma biblioteca precisa ter livros antigos, mas precisa estar atualizada, adquirindo os lançamentos mais significativos em cada área.

Um livro razoável continua sendo muito melhor que qualquer programa de televisão, que tem tomado ditatorialmente o nosso tempo. Para nada. Ou pior: para o nada.

O MELHOR REMÉDIO PARA A ANSIEDADE

As livrarias deviam fazer uns cartazes aproveitando a notícia. As agências internacionais de notícia informaram que médicos da Universidade britânica de Bristol concluíram que a leitura de poesia é melhor do que pílulas como terapia no tratamento de depressão ou ansiedade.

O presidente da Associação Médica Britânica, Alexander Macara, não teve dúvidas em afirmar: "Eu consideraria a poesia infinitamente superior a quaisquer comprimidos. Assim como a música, ela é terapêutica. A indústria farmacêutica pode não gostar da pesquisa".

Infelizmente, a poesia vem perdendo espaços. Parte do problema foi da própria poesia, que ousou, como devia, uma nova linguagem, mas não conseguiu manter seu público. A vertigem do corre-corre da sobrevivência relegou-a para o limbo. Com isto, perdeu a arte. Perdeu o homem.

INFORMAÇÃO NO TODO E NO DETALHE

Um pai de adolescente pediu a Bill Gates alguns conselhos sobre a vantagem da leitura em relação a outros meios de comunicação.

Pelo insuspeito conteúdo, vale a pena transcrever parte da resposta do papa dos softwares: <INR="#"> Transcrito da <II>Folha de S. Paulo<FI>, 1.3.1995, p. 6/2.<FNR>

"É pouco provável que as pessoas adquiram muito conhecimento se não forem ótimas leitoras. Os sistemas multimídia estão começando a usar som e vídeo para transmitir informações de maneiras que chamam bastante a atenção. Mas o texto ainda é uma das melhores maneiras de se transmitir detalhes.

Procuro ler pelo menos uma hora ou mais todas as noites, de segunda a sexta, e algumas horas nos fins de semana. Leio pelo menos um jornal todos os dias e várias revistas por semana.

Faço questão de ler pelo menos uma revista semanal de ponta a ponta, porque isso amplia meus interesses. Se eu ler apenas aquilo que chama minha atenção, como a seção de ciência e uma parte da seção de negócios, vou terminar a revista sendo a mesma pessoa que era antes de começar a lê. É por isso que a lei inteira.

Gosto de biografias e autobiografias porque é fascinante ver como se desenvolveram as vidas de determinadas pessoas. Por exemplo, é fascinante ler a visão de Napoleão sobre tudo o que ele fez. No final de sua "carreira". Napoleão teve uma oportunidade que poucas pessoas têm com bastante tempo para refletir sobre tudo o que havia feito, e essas reflexões são muito interessantes".

Bill Gates falou e disse.

É só ler.

O MELHOR PRESENTE

Por vezes, queremos ou precisamos presentear alguém. A escolha nem sempre é fácil.

Nem sempre temos a coragem de dar o melhor presente, especialmente porque certos presentes acabaram catalogados como nobres só porque dispõem de algum dispositivo eletrônico. Particularmente, se oferecidos a crianças.

O bom é que um presente seja dado não pela sua transitoriedade, mas pelo seu oposto: a perenidade.

Nada mais perene que um livro. Nenhuma engenhoca nos acompanha a vida inteira. Um livro, sim: não nos acompanha como nos sucede. Um bom livro infantil, por exemplo, poderá ser lido pelo filho de amanhã da criança de hoje. Sem bem preservado, pode fazer a alegria do neto daquela mesma criança de hoje.

Se isto começa a lhe parecer razoável, aqui vão algumas razões para você presentear parentes e amigos com um conjunto de folhas impressas com letras pretas e protegidas por uma capa de papel mais grosso (geralmente colorida).

1. Livro ocupa pouco espaço. Pode ser guardado até debaixo da cama, se bem mereça espaço mais nobre. Quem mora em casa pequena sabe que há alguns compartimentos feitos para se guardar tranqueira. De vez em quando, carecem de uma faxina geral, simplesmente porque não comportam mais nada. Com o livro, o espaço necessário é menor: menos que um simples jogo de quebra-cabeça.

2. Livro não é um produto descartável, como o videogame, que cansa, um carrinho, que enjoa, ou uma boneca, que envelhece. Por natureza, eles têm uma curta vida útil. Logo, são substituídos, porque deles se cansa. Livro é diferente. Lê-se uma vez, mas se poderá voltar a ele, que está ali à mão, mas distante, sem invadir a privacidade, esperando a hora de ser degustado. Nenhum pai ou mãe corre o risco de pôr limites ao seu uso. Ele nunca faz mal.

3. Quanto mais livros, melhor. O acúmulo é da sua essência. Se você vai dar um livro, não precisa se preocupar muito: as chances de a pessoa já te são mínimas e é fácil verifica sem despertar suspeitas.

4. O livro é por natureza um estímulo ao pensamento, mesmo quando não lido. Quem vive entre livros (um estante) está sempre desafiado a lê e pensar. Sua presença é uma lembrança que somos seres pensantes.

5. Quando lido, o livro é um estímulo ao desenvolvimento da consciência crítica, capaz de nos fazer mais felizes e mais cidadãos. É o livro o objeto que torna menos analfabetos e contribui para dissipar as trevas da ignorância.

6. Livro não envelhece. Aliás, quanto mais antigo, melhor. O melhor livro da humanidade (essa enciclopédia de vida chamada Bíblia) acabou de ser escrito há quase dois mil anos e continua mais atual que o jornal de amanhã. Os bons livros se tornam clássicos dos quais não podemos nos separar. Nós envelhecemos fisicamente; no entanto, se conservarmos o hábito de ler, permaneceremos tão jovens quando os livros que nos fazem companhia.

7. Livro dá prazer. Prazer solitário e prazer grupal. Além de inspirar incríveis viagens intelectuais, permite que o percurso dessa viagem seja partilhado com outros, com prazer para todos.

8. Livro ajuda a reorientar a vida. Nas horas mais incríveis do dia e da noite, nos climas mais quentes e mais gelados, nos momentos mais alegres e dramáticos. Quando nossos olhos deslizam por suas sinuosas letras, que vai adquirindo sentido, é como se a própria existência humana fosse adquirindo ou renovando seu sentido.

9. Livro não é um objeto de propriedade exclusivamente particular. Numa família, todos podem lê, sem o menor risco de um desentendimento físico ou verbal.

10. O livro é um produto relativamente barato. Você pode comprar bons livros por menos de duas taças de sorvete.

Estes motivos não bastam?

Quem não tem livros precisa ganhar, porque não os tem. Quem tem livros precisa ganhar, porque precisa deles.

RAZÕES PARA (NÃO) LER

Para não ler, alguns poderão pensar que a leitura é uma atividade superada pelas tecnologias eletrônicas de informação. A estes será novamente preciso recordar que as informações disponíveis em CD ou na Internet são textos adaptados para um novo suporte, mas continuam textos.

Para não ler, alguns poderão recordar a dificuldade financeira, num país em que sobreviver é em si um milagre, para a maioria da população. Infelizmente, ler é uma atividade reservada a poucos, já que também não uma rede de bibliotecas públicas que pudessem suprir parte dessa lacuna. Aliás, se houvesse essa rede, servindo à comunidade e comprando livros, as editoras poderiam vender seus livros a preços mais baixos, graças ao aumento das tiragens.

Para não ler, alguns poderão alegar a mais absoluta falta de tempo, o que não deixa de ser verdade para alguns, embora seja deslavada desculpa para outros.

Para não ler, temos alguns motivos, embora tenhamos muitos mais para ler.

Por isso, a primeira decisão de quem acha que precisa melhorar nessa área é assumir que ler vale a pena. Como está na epígrafe deste capítulo, uma pessoa vale pelo que diz, diz pelo que pensa e pensa pelo que lê. Quem não lê tem dificuldades para pensar com profundidade e para dizer verdades que valham a pena ser ouvidas. Está fora.

Em resumo, todas as escolhas que tomamos decorrem de nossas prioridades.

Supondo que você queira dar uma reviravolta geral nesta área da sua vida, eis aqui alguns comentários:

1. Acredite: o livro é o instrumento por excelência pelo qual aprendemos e aprendemos a aprender. Num tempo em que a informação é a chave de qualquer progresso empresarial e pessoal, o livro é o pequeno mundo que cabe nas mãos mas abre a porta de incontáveis outros mundos.

2. O dinheiro anda curto e não há perspectivas de mudanças à vista nesta área. Se for esperar ter dinheiro para comprar livros, você não vai compra jamais e ainda terá ainda mais dificuldades de ganhar dinheiro. Então, esprema o orçamento, compre livros e os leia. Além disso, recorra a bibliotecas. Se perto de você não há nenhuma, force o poder público a manter uma. É um direito que o pagamento dos impostos lhe dá. Corra atrás, para você mesmo, para os seus e para a sua comunidade.

Quanto a comprar, compre bem. Dê preferência àqueles títulos que poderão ser usados por mais tempo, até mesmo por outras pessoas da família. Depois, compre aqueles mais voltados para o prazer, alguns dos quais poderão ser tomados por empréstimos de bibliotecas de amigos ou de instituições. Para comprar bem, informe-se. <INR="#">Os jornais em geral, bem como alguns canais de televisão por assinatura, contêm seções e programas sobre livros, com notícias de lançamentos, comentários e entrevistas. O Jornal do Brasil e o Globo mantêm cadernos semanais específicos: "Idéias" e "Prosa e Verso", respectivamente. A Folha de São Paulo, além das matérias dominicais no caderno Mais, publica um Jornal de Resenhas mensal. Confira.<FNR>

3. O tempo é um elástico, que a gente puxa como quiser, apesar dos limites. Para usa melhor, faça uma avaliação do seu tempo diário. Veja quanto tempo você gasta com o que. Veja se está bom assim. Será que não está conversando demais ou vendo televisão em demasia ou dormindo mais do que deve. Se não, será que não dá para cortar alguns minutos de alguma dessas atividades e dedica à delícia de ler?

Tudo é uma questão de prioridade.

Priorize ler.

Afinal, como no ensina Octavio Paz,

ler é descobrir insuspeitos caminhos para dentro de nós mesmos. É um reconhecimento. Na era da propaganda e da comunicação instantânea, quantos podem ler assim? Muito poucos. Mas é neles, e não nas cifras das estatísticas, que está a continuidade de nossa civilização.

(PAZ, Octavio Paz. *A outra voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.